

**Título:** O Bruxólico de Cascaes e outros contos

**Autoras:** Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriela Ligocki Pedro

**Orientadora:** Isabel Monguilhott

**Escola:** Colégio Padre Anchieta

**Professor da turma:** Ana Carolina França de Oliveira

**Ano:** 7º (2011)

**Contextualização do projeto:** Considerando o período da docência - outubro, mês do Halloween, e o interesse que os estudantes demonstraram ter com narrativas de suspense, as estagiárias escolheram trabalhar com os contos bruxólicos, sobretudo os escritos pelo escritor catarinense Franklin Cascaes. O projeto tinha o objetivo de aprimorar as práticas de uso da língua e desenvolver o interesse pela leitura, para tanto, foram desenvolvidas atividades de leitura, escrita e análise linguística de contos bruxólicos. A produção final do processo de ensino e aprendizagem foi um varal literário para a socialização da versão final dos contos escrita pelos alunos da turma.

**Cronograma:** Para se ter uma ideia do conjunto das ações desenvolvidas ao longo do projeto de docência, apresenta-se, na sequência, o cronograma de atividades.

Aulas	H/A	Conteúdo
-------	-----	----------

1	2	Informações que envolvem o tema bruxólico. Informações que envolvem a estrutura e características do gênero conto. Leitura, escuta, oralidade e interpretação de texto.
2	1	Informações que envolvem o tema bruxólico. Leitura, escuta, oralidade e interpretação dos alunos.
3	1	Informações que envolvem o tema bruxólico. Leitura dos alunos.
4	2	Características dos contos. Escrita dos alunos.
5	1	Informações que envolvem o tema bruxólico. Leitura, escuta e oralidade dos alunos.
6	1	Análise linguística com foco na coesão e coerência e adequação ao gênero conto dos textos dos alunos.
7	2	Análise linguística com foco na coesão, coerência e adequação ao gênero conto dos textos dos alunos. Reescrita de texto.
8	1	Preparação do texto para exposição. Leitura.
9	1	Exposição e socialização dos textos. Leitura, escuta e oralidade dos alunos.

**Gênero textual discursivo de referência:** conto

**Eixo organizador do ensino:** escrita e reescrita de contos bruxólicos; o exercício da leitura de contos selecionados pelas estagiárias; o trabalho com a oralidade se deu através das discussões realizadas nas aulas acerca dos textos lidos pelos estudantes; e a análise linguística foi trabalhada a partir dos textos escritos pelos próprios estudantes.

**Objetivos:** Compreender os textos orais e escritos, com os quais os alunos se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz. Além disso, usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de reflexão sobre a língua para expandir as possibilidades de uso da linguagem e a capacidade de análise crítica.

*Com relação à leitura:* Desenvolver a capacidade interpretativa, a autonomia na compreensão dos textos a serem lidos e o olhar crítico acerca do que se lê, considerando a importância das particularidades de cada gênero e de como estes estão inseridos no nosso cotidiano.

*No que se refere ao ensino da escrita:* Aprimorar a escrita, assumindo a palavra e, assim, reconhecer essa modalidade de uso da língua, não apenas como produto de uma atividade escolar, mas como possibilidade de dizer para além da sala de aula

*Quanto à análise linguística:* Reconhecer que as próprias produções têm um significado e que elas se constituem em ponto de partida para buscar soluções para erros recorrentes, tendo em vista o aprimoramento das capacidades de escrita.

*No que tange à oralidade:* Reconhecer a sala de aula como ambiente favorável à comunicação, à socialização e ao respeito nas discussões, participando ativamente das atividades que envolvem o uso oral da língua.

**Metodologia:** Na sequência, apresenta-se aula a aula como pode ser desenvolvido este projeto. Nas notas, destaca-se o que foi específico da experiência vivenciada.

### **Aula 1 (2h/a)**

Iniciar a aula pedindo que os alunos se organizem. Em seguida, fazer a apresentação da proposta do projeto e da aula para a turma.

Fazer a leitura de um trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes (anexo 1)<sup>1</sup>. Incitar uma discussão a fim de verificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema bruxólico.

Fazer a leitura do conto “Bruxas Gêmeas” de Franklin Cascaes<sup>2</sup> e orientar a interpretação oral do texto lido.

Fazer uma exposição sobre a estrutura e as características do conto: extensão, linhas dramáticas, tempo, espaço, final enigmático, conteúdo e forma.

---

<sup>1</sup> O livro *Bruxas e Benzeduras* de Franklin Cascaes não é facilmente encontrado de forma gratuita na internet e por essa razão todos os trechos utilizados pelas estagiárias constam nos anexos.

<sup>2</sup> O conto entregue aos alunos se encontra na obra *O fantástico na Ilha de Santa Catarina* disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/187666>. Acesso em 02.07.2021.

## **Aula 2 (1h/a)**

Iniciar a aula com apresentação da proposta do dia para a turma.

Fazer a leitura de um trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes (anexo 2).

Entregar as cópias do conto “Na Terceira Margem da Estrada” de Salma Ferraz<sup>3</sup> e pedir que a turma faça a leitura silenciosa do conto entregue, posteriormente fazer uma leitura coletiva.

Ao final da leitura, fazer a interpretação dos contos lidos.

## **Aula 3 (1h/a)**

Preparar previamente a sala para uma aula de leitura, se possível, com tapetes e almofadas. Além disso, preparar cópias de diversos contos (anexo 3)<sup>4</sup> para que os alunos possam escolher e ler individualmente.

Iniciar a aula com a apresentação da proposta da aula para a turma.

Fazer a leitura do trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes (anexo 4).

Orientar os alunos para a leitura individual de diversos contos.

## **Aula 4 (2h/a)**

Iniciar com apresentação da proposta da aula para a turma.

Fazer a leitura do trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes (anexo 5).

Iniciar uma discussão sobre as características do gênero conto e propor a escritura de um conto. Durante a escrita, prestar auxílio, orientar e tirar as dúvidas dos alunos.

Ao final da aula, recolher as produções escritas dos alunos.

## **Aula 5 (1h/a)**

Iniciar a aula com apresentação da proposta da aula para a turma.

Fazer a leitura de um trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes (anexo 6).

---

<sup>3</sup> O conto entregue aos alunos se encontra na obra *A ceia dos mortos* disponível em: [http://www.pcs.uem.br/cedoc-lafep/indice-de-escritoras/letra-s/salma-ferraz/a%20ceia%20dos%20mortos%2013\\_03%20.pdf](http://www.pcs.uem.br/cedoc-lafep/indice-de-escritoras/letra-s/salma-ferraz/a%20ceia%20dos%20mortos%2013_03%20.pdf). Acesso em 02.07.2021.

<sup>4</sup> As obras das quais os contos selecionados pelas estagiárias foram retirados não são facilmente encontradas na internet e, por essa razão, os contos se encontram no anexo 3.

Organizar um momento de relatos de bruxaria com um convidado.<sup>5</sup>

### **Aula 6 (1h/a)**

Iniciar com a apresentação da proposta da aula para a turma.

Em seguida, realizar a análise linguística coletiva do texto de um dos alunos. A intenção é focar em aspectos centrais da organização e da compreensão do texto, tais como a clareza e a precisão da linguagem (a escolha da palavra apropriada), o sentido, a relevância do que é dito e etc. A coesão, a coerência, a informatividade, a clareza, e outras propriedades do texto, conforme Antunes (2003), são mais relevantes do que a fixação em correções ortográficas, nomenclaturas e classificações de palavras. Para tanto, a ideia é trazer o texto escrito em um papel pardo ou projetá-lo, para não perder tempo escrevendo-o no quadro, ler o texto com a turma e pedir para que apontem algo que precise ser modificado para melhorar o texto. Ao transcrever o texto, prestar atenção para não reproduzir problemas ortográficos, de concordância e outros, por estes não serem o foco da atividade. Instigar os alunos a participarem, fazendo perguntas de interpretação e, inserindo ou modificando, aos poucos, conectivos e pontuações. A coerência viria no decorrer da atividade.

Mostrar a importância da leitura e releitura do que foi escrito e fazer os alunos perceberem a importância do sentido do texto. Após a análise coletiva, entregar um novo texto, de outro aluno, para que realizem a mesma atividade, individualmente.

Propor aos alunos o exercício individual de análise linguística do texto de outro aluno.

### **Aula 7 (2h/a)**

Dar início com apresentação da proposta da aula para a turma.

Fazer a análise linguística coletiva do texto entregue aos alunos na aula anterior, aquele entregue para o exercício individual.

Devolver a produção textual da aula 4 corrigida e propor a reescrita individual do texto corrigido. Durante a reescrita, prestar auxílio, orientar e tirar as dúvidas dos alunos.

Ao final da aula, recolher as produções escritas dos alunos.

### **Aula 8 (1h/a)**

Dar início com a apresentação da proposta da aula para a turma.

---

<sup>5</sup> Nas condições em que o projeto foi implementado originalmente foi possível chamar um convidado para participar da aula relatando bruxarias. Caso não seja possível reproduzir esse momento com um convidado, pode ser adaptado com vídeos no youtube que contenham relatos de bruxaria ou algo do gênero.

Fazer a leitura de um trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes (anexo 7).

Devolver, corrigido, o texto reescrito na aula anterior. Orientar os estudantes para a preparação da versão final dos textos para exposição no “Varal Literário”.

Durante a preparação, prestar auxílio, orientar e tirar as dúvidas dos alunos.

### **Aula 9 (1h/a)**

Iniciar com a apresentação da proposta da aula para a turma.

Fazer a leitura de um trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes (anexo 8).

Orientar a turma para a montagem do “Varal Literário”<sup>6</sup>, prestando auxílio durante a fixação dos textos no varal.

Incentivar os alunos a socializar seus textos oralmente

Encerrar o projeto.

### **Anexos**

#### **Anexo 1 - Trecho de *Bruxas e Benzeduras* de Franklin Cascaes**

##### BRUXAS E BENZEDURAS

As bruxas - dizem os entendidos dessas histórias de encantamento - tinham uma origem singular: se Deus concedia a um casal sete filhas sem que, no intervalo, nascesse um varão, a mais velha ou a mais moça trazia a predestinação de ser bruxa. Quando uma criança adocece e conserva as mãos e os pés cruzados, a pele do corpo crivada de manchas roxas, chora continuamente, torna-se esquelética - dizem os narradores e entendidos de assombrações - que são as terríveis/ mulheres bruxas que as estão empresando.

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: s.n. , 1968, p.1.

---

<sup>6</sup> O Varal Literário montado pela turma pode ser conferido no anexo 9.

Anexo 2 - Trecho de *Bruxas e Benzeduras* de Franklin Cascaes

COMO LIVRAR-SE

Usando a seguinte benzedura: Bruxa, tatarabruxa, agulhão nos teus pés e antolhos nos teus olhos.

Tu não me entres aqui nesta casa, nem nesta comarca toda.

Em nome de Deus e da Virgem Maria, Amém.

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: s.n. , 1968, p.4.

### Anexo 3 - Diversos contos para a leitura

LOBATO, Monteiro. **Medo de saci**. In: *O Saci*. São Paulo: Globo, 2007.

## Medo de saci



**P**edrinho, naqueles tempos, costumava passar as férias no sítio de Dona Benta, onde brincava de tudo, como está nas *Reinações* e na *Viagem ao céu*. Só não está contado o que lhe aconteceu antes da famosa viagem ao céu, quando andava com a cabeça cheia de sacis.

A coisa foi assim. Estava ele na varanda com os olhos no horizonte, postos lá onde aparecia o verde-escuro do Capoeirão dos Tucanos, a mata virgem do sítio. De repente, disse:

– Vovó, eu ando com ideias de ir caçar na mata virgem.

Dona Benta, ali na sua cadeirinha de pernas cotós, entretida no tricô, ergueu os óculos para a testa.

– Não sabe que naquela mata há onças? – disse com ar sério. – Certa vez uma onça-pintada veio de lá, invadiu aqui o pasto e pegou um lindo novilho da Vaca Mocha.

– Mas eu não tenho medo de onça, vovó! – exclamou Pedrinho, fazendo o mais belo ar de desprezo.

Dona Benta riu-se de tanta coragem.

– Olhem o valentão! Quem foi que naquela tarde entrou aqui ber-rando com uma ferroteada de vespa na ponta do nariz?

– Sim, vovó, de vespa eu tenho medo, não nego – mas de onça, não! Se ela vier do meu lado, prego-lhe uma pelotada do meu bodoque novo no olho esquerdo; e outra bem no meio do focinho, e outra...

– Chega! – interrompeu Dona Benta, com medo de levar também uma pelotada. – Mas além de onças existem cobras. Dizem que até uru-tus há naquele mato.

– Cobra? – e Pedrinho fez outra cara de pouco-caso ainda maior. – Cobra *mata-se* com um pedaço de pau, vovó. Cobra!... Como se eu lá tivesse medo de cobra...

Dona Benta começou a admirar a coragem do neto, mas disse ainda:

– E há aranhas-caranguejeiras, daquelas peludas, enormes, que devoram até filhotes de passarinho.

O menino cuspiu de lado com desprezo e esfregou o pé em cima.

– Aranha mata-se assim, vovó – e seu pé parecia mesmo estar es-magando várias aranhas-caranguejeiras.

– E também há sacis – rematou Dona Benta.

Pedrinho calou-se. Embora nunca o houvesse confessado a nin-guém, percebia-se que tinha medo de saci. Nesse ponto não havia nenhu-ma diferença entre ele, que era da cidade, e os demais meninos nascidos e crescidos na roça. Todos tinham medo de saci, tais eram as histórias correntes a respeito do endiabrado moleque de uma perna só.

Desde esse dia ficou Pedrinho com o saci na cabeça. Vivia falan-do em saci e tomando informações a respeito. Quando consultou Tia Nastácia, a resposta da negra foi, depois de fazer o pelo-sinal e dizer “Credo!”:

– Pois saci, Pedrinho, é uma coisa que branco da cidade nega, diz que não há – mas há. Não existe negro velho por aí, desses que nascem e morrem no meio do mato, que não jure ter visto saci. Nunca vi nenhum, mas sei quem viu.

– Quem?

– O Tio Barnabé. Fale com ele. Negro sabido está ali! Entende de to-das as feitiçarias, e de saci, de mula sem cabeça, de lobisomem – de tudo.

Pedrinho ficou pensativo.

## O medo



**L**ongamente filosofaram os dois, lá debaixo da grande peroba que os abrigava do sereno da noite. A floresta tinha uma vida noturna tão intensa quanto a vida diurna. Entre os homens tudo para durante certa parte da noite, mas na floresta a vida continua, porque uns seres dormem de dia e vivem de noite e outros dormem de noite e vivem de dia. Assim que os sabiás, sanhaços e tico-ticos se recolhem aos seus pousos ou ninhos, começam a sair das tocas as corujas e morcegos. E as borboletas e mariposas noturnas vêm substituir as borboletas e mariposas diurnas, que adormecem logo que chega a noite. E as caças medrosas, tão perseguidas pelos homens, saem de noite a pastar e beber água nos rios. E os vaga-lumes, que de dia não deixam os lugares escurinhos, começam a piscar por toda parte com as suas lanterninhas.

– Esses eu sei – disse o menino. – A vida desses animais eu conheço mais ou menos. O que me interessa agora é a vida dos tais “entes das trevas”, como diz Tia Nastácia – os misteriosos – os que uns dizem que existem e outros juram que não existem.

– Compreendo – disse o Saci. – Você refere-se aos chamados “duendes”, “monstros”, “capetas”, “gnomos” etc...

– Isso mesmo, amigo Saci. Ando desconfiado que tudo não passa de sonho. Eu não via nada na garrafa antes de ter caído naquela modorra. Assim que a modorra chegou, você apareceu na garrafa e começou a falar. Desconfio que estou sonhando... Desconfio que isto é um pesadelo... Nos pesadelos é que aparecem monstros horríveis. Por quê? Por que é que há coisas horríveis?

– Por causa do *medo*, Pedrinho. Sabe o que é medo?

O menino gabava-se de não ter medo de nada, exceto de vespa e outros bichinhos venenosos. Mas não ter medo é uma coisa e saber que o *medo* existe é outra. Pedrinho sabia que o *medo* existe porque diversas vezes o seu coração pulara de medo. E respondeu:

– Sei, sim. O medo vem da incerteza.

– Isso mesmo – disse o Saci. – A mãe do medo é a *incerteza* e o pai do medo é o *escuro*. Enquanto houver escuro no mundo haverá medo. E enquanto houver medo haverá monstros como os que você vai ver.

– Mas se a gente vê esses monstros então eles existem.

– Perfeitamente. Existem para quem os vê e não existem para quem não os vê. Por isso digo que os monstros existem e não existem.

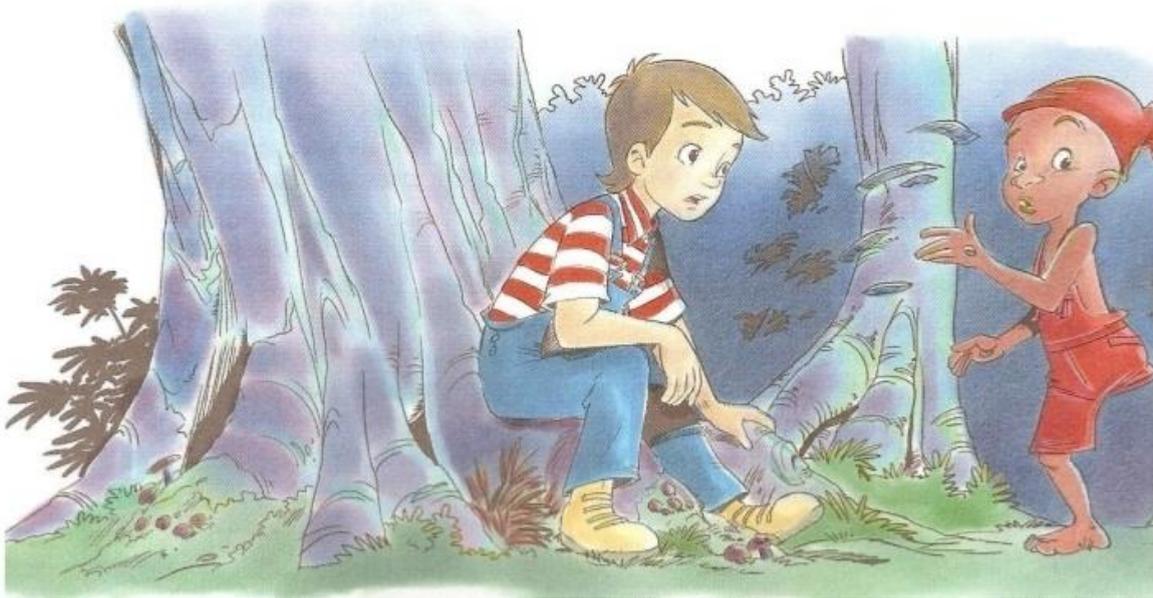
– Não entendo – declarou Pedrinho. – Se existem, existem. Se não existem, não existem. Uma coisa não pode ao mesmo tempo existir e não existir.

– Bobinho! – declarou o Saci. – Uma coisa existe quando a gente acredita nela; e como uns acreditam em monstros e outros não acreditam, os monstros existem e não existem.

Aquela filosofia do Saci já estava dando dor de cabeça no menino, o qual suspirou e disse:

– Basta, amigo Saci. Não quero mais saber de filosofias, quero conhecer os segredos da noite na floresta. Mostre-me os filhos do medo que você conhece. Desde que há tanta gente medrosa no mundo, deve haver muitos filhos do medo.

– Se há! – exclamou o Saci. – Os medrosos são os maiores criadores das coisas que existem. Não tem conta o que lhes sai da imaginação. As mi-



tologias daqueles velhos povos estão cheias de terríveis criações do medo. Aqui nestas Américas temos também muitas criações do medo, não só dos índios chamados aborígenes, como dos negros que vieram da África.

Pedrinho lembrou-se do Tio Barnabé, que era africano.

– Tio Barnabé, por exemplo – disse ele –, é um danado para saber essas coisas. Conhece todos os filhos do medo. Foi ele quem me explicou o caso dos sacis. Conte-me no que é que os índios acreditavam.

– Os índios – começou o Saci – não usavam durante a noite aquelas luzes que Dona Benta usa lá no sítio – aqueles lampiões de querosene. Nem usavam a luz elétrica que há nas cidades. Só usavam fogueirinhas de pouca luz e por isso o medo entre os índios era grande. Quanto maior é o escuro, maior o medo; e quanto maior o medo, mais coisas a imaginação vai criando. Já ouviu falar no Jurupari?

– Não...

– Pois é o diabo dos índios, o espírito mau que aparece nos sonhos e transforma os sonhos em pesadelos horríveis. Insônia, mal-estar, inquietação, tudo que é desagradável vem desse Jurupari.

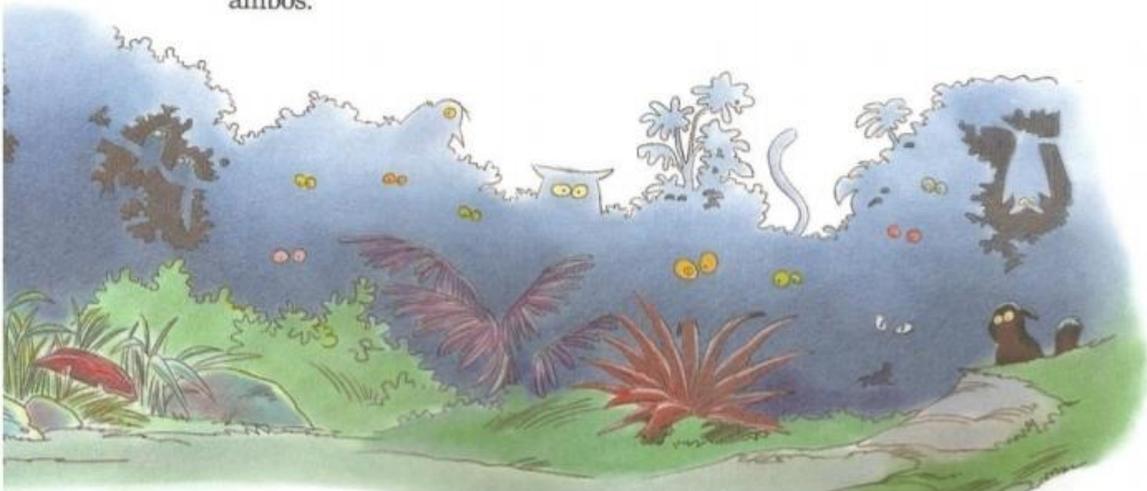
– Mas como é ele?

– Um espírito sem forma. Um espírito mau que se diverte em agarrar os que estão dormindo e causar-lhes todos os horrores dos pesadelos. E parece que segura as vítimas pela garganta, porque elas esperneiam e se debatem, mas não podem gritar.

– Oh, eu já tive um pesadelo assim! – disse o menino. – Lembro-me muito bem. Eu ia caindo num buracão enorme. Quis gritar por vovó, mas foi inútil. A voz não saía...

– Pois era o Jurupari que estava apertando a sua garganta. O divertimento dele é esse. Anda de casa em casa provocando pesadelos horríveis nos que encontra dormindo.

Nesse momento um ruído entre as folhas chamou a atenção de ambos.



– *Psit!...* – fez o Saci. – Atenção... Qualquer coisa vem vindo...  
Ficaram os dois imóveis. O coração de Pedrinho batia apressado.  
– O Curupira! – sussurrou o Saci, quando um vulto apareceu. –  
Veja... Tem cabelos e pés virados para trás.  
– Parece um menino peludo – murmurou Pedrinho.  
– É isso mesmo. É um menino peludo que toma conta da caça nas florestas. Só admite que os caçadores cacem para comer. Aos que matam por matar, de malvadeza, e aos que matam fêmeas com filhotes que ainda não podem viver por si mesmos o Curupira persegue sem dó.  
– Bem feito! Mas como os persegue?  
– De mil maneiras. Uma das maneiras é disfarçar-se em caça e ir iludindo o caçador até que ele se perca no mato e morra de fome. Outra maneira é transformar em caça os amigos, os filhos ou a mulher do caçador, de modo que sejam mortos por ele mesmo.  
Pedrinho achou que não podia haver nada mais justo. O Saci prosseguiu:  
– Esse que vai passando está a pé, mas em regra o Curupira anda montado num veado e traz na mão uma vara de japecanga.  
– Que é japecanga?  
– Uma planta que é remédio para doença do sangue. Também é conhecida como salsaparrilha.  
– E por que anda com essa vara de japecanga? Que ideia!  
– Não sei. Ele é que sabe. E o Curupira tem um cachorro de nome Papamel que não o larga. Assim que avista um caminhante na estrada, começa logo a cantar:

*Curupaco, papaco*  
*Curupaco, papaco...*

– Isso é cantiga de papagaio! – lembrou Pedrinho. – Na casa do Coronel Teodorico há um que só diz isso.  
– Pois foi com o Curupira que os papagaios aprenderam o *currupaco*. Papagaio não inventa palavras, apenas repete as que ouve.  
Mas o Curupira, com os seus pés voltados para trás, não se demorou muito por ali. Descobriu um rasto de paca e lá se foi, com certeza para ver como ela ia passando em sua toca.  
– Que horas serão? – perguntou o menino.  
O Saci respondeu que faltava pouco para meia-noite.  
– Como sabe?  
– Por aquela flor – respondeu o Saci indicando uma flor que não estava de todo aberta. – É o meu relógio aqui. Só abre completamente à meia-noite...

## O Boitatá



– **E**u ouço falar na Iara e no Boitatá. Será que poderei ver um deles hoje? – perguntou Pedrinho.

– A Iara pode – respondeu o Saci – porque há uma que mora por aqui em certo ponto do rio; mas Boitatá não. Só existe lá pelo Sul.

– Como é?

– Pois o Boitatá é um monstro muito interessante. Quase que só tem olhos – uns olhos enormes, de fogo. De noite vê tudo. De dia não enxerga nada – tal qual as corujas. Dizem que certa vez houve um grande dilúvio em que as águas cobriram todos os campos do Sul, e o Boitatá, então, subiu ao ponto mais alto de todos. Lá fez um grande buraco e se escondeu durante todo o tempo do dilúvio. E tantos anos passou no buraco escuro que seu corpo foi diminuindo e os olhos crescendo – e ficou como é hoje, quase que só olhos. Afinal as águas do dilúvio baixaram e o Boitatá pôde sair do buraco, e desde esse tempo não faz outra coisa senão passear pelos campos onde há carniça de animais mortos. Dizem que às vezes toma a forma de cobra, com aqueles grandes olhos em lugar de cabeça. Uma cobra de fogo que persegue os gaúchos que andam a cavalo de noite.

– Eu sei dessa história. É o fogo-fátuo. Vovó já nos explicou que esses fogos são fosforescências emitidas pelas podridões. No Sul também existe a célebre história do Negrinho do Pastoreio. Conhece? Não será uma espécie de saci dos Pampas?

– Não. Trata-se de coisa muito diferente. Esse negrinho foi apenas um mártir. Sofreu os maiores horrores de um senhor de escravos muito cruel; morreu e virou santinho.

– Conte a história dele.

E o Saci contou.



## O negrinho



– **H**avia um fazendeiro, ou estancieiro, como se diz lá no Sul, que era muito mau para os escravos – isso foi no tempo em que havia escravidão neste País. Uma vez comprou uma ponta de novilhos para engordar em seus pastos. Era inverno, um dos piores invernos que por lá houve, de tanto frio que fazia.

– “Negrinho” – disse o estancieiro para um molecote da fazenda, que andava por ali. – “Estes novilhos precisam acostumar-se nos meus pastos, por isso você vai tomar conta deles. Todas as tardes tem de tocar a ponta inteira para o curral, onde dormirão fechados, depois de contados por mim. Tome muito tento, hein? Se faltar na contagem um só que seja, você me paga.”

O pobre molecote só tinha 14 anos de idade; mesmo assim não teve remédio senão ir para o campo tomar conta do gado. Era gado arisco, ainda não querenciado naquela fazenda, de modo que, para começar, logo no primeiro dia um dos novilhos faltou na contagem.

O estancieiro não quis saber de explicações. Vendo que o número não estava certo, botou o cavalo em que estava montado para cima do negrinho e deu-lhe uma tremenda sova de chicote. Depois disse:

– “E agora é ir procurar o novilho que falta. Se não me der conta dele, eu dou conta de você, seu grandíssimo patife!”.

E *lept!* – outra lambada por despedida.

O moleque, com as costas lanhadas e em sangue, montou no seu cavalinho e saiu pelos campos atrás do novilho. Depois de muito procurar encontrou por fim o fujão, escondido numa moita.

– “E agora?” – pensou consigo. – “Tenho de laçar este novilho, mas meu laço está que não vale nada, de tão velho, e eu estou tão escangalhado pela sova que ainda valho menos que o laço. Mas não há remédio. Tenho que ir até o fim...”

E, aproximando-se com muito jeito, laçou o novilho.

Se fosse só laçar, estaria tudo muito bem. Mas tinha de trazer o boizinho por diante, até o curral. Teria ele forças para isso? O laço aguentaria?

Não aguentou. Com meia dúzia de sacões o novilho desembaraçou-se do laço, arrebrandando-o, e lá se foi pelos campos afora, na volada.

E agora? Voltar para casa sem novilho e sem laço? O furor do estancieiro iria explodir como bomba.

Voltou.

– “Que é do novilho?” – indagou o patrão assim que o negrinho apareceu no terreiro.

– “Escapou, patrão. Lacei ele, mas o laço estava podre e não aguentou, como sinhô pode ver por este pedaço.”

Se o estancieiro não fosse um monstro de maldade, convencer-se-ia logo, vendo pela ponta do laço, que o negrinho andara direito. Quando o laço arrebrandava, a culpa da presa escapar não é do laçador, sim do laço. Não pode haver nada mais claro no mundo. Mas o estancieiro, que tinha comido cobra naquele dia, em vez de dar-se por convencido, mais colérico ainda ficou.

– “Cachorro!” – exclamou espumando de raiva. – “Você vai ter o castigo que merece.”

O dito, o feito. Agarrou o negrinho, amarrou-o pelos pés com a ponta do laço e depois de bater nele com o cabo do relho até cansar teve uma ideia diabólica: botá-lo num formigueiro para ser devorado vivo pelas formigas.

Assim fez. Arrastou-o para um sítio onde existia um enorme formigueiro de formigas carnívoras, arrancou as roupas do coitadinho e deixou-o amarrado lá.

No dia seguinte foi ver a vítima, com a ideia de continuar o castigo, caso o grande criminoso não estivesse morto e bem morto. Chegando ao formigueiro, levou um grande susto. Em vez do negrinho, viu uma nuvem que se erguia da terra e logo se sumiu nos ares.

A notícia desse acontecimento correu mundo. Os homens daquelas bandas começaram a considerar o negrinho como um mártir que tinha ido direto para o céu.

Com o tempo virou um verdadeiro santo. Quem quer qualquer coisa, na campanha do Rio Grande, antes de pedi-la a Santo Antônio ou a outro santo qualquer, pede logo ao Negrinho do Pastoreio.

– E ele faz?

– Está claro que faz – sempre que pode. Como sofreu muito, sabe avaliar os apertos dos outros e ajuda-os no possível.

## A Mula sem cabeça



**A** Mula sem cabeça! Pedrinho estremeceu. Nenhum duende das florestas o apavorava mais que esse estranho e incompreensível monstro, a *Mula sem cabeça que vomita fogo pelas ventas!* Muitas histórias a seu respeito tinha ouvido aos caboclos do sertão e aos negros velhos, embora Dona Benta vivesse dizendo que tudo não passava de crendice.

A galopada aproximava-se; já se ouvia o estalar dos arbustos que em seu desenfreado galopar a Mula sem cabeça vinha quebrando. Súbito, parou.

– Vai mudar de rumo! – murmurou o Saci com cara mais alegre.

E de fato foi assim. A Mula retomou a galopada mas em outra direção, e embora passasse por perto não chegou ao alcance dos olhos do menino.

– Que pena! – exclamou ele. – Tanta vontade que eu tinha de conhecer esse monstro...

– Que pena? – repetiu o Saci. – Que felicidade, deve você dizer! A Mula sem cabeça é o mais sinistro duende que há no mundo; tem o dom de transtornar a razão de todos que a veem. Por isso é que tive medo – não por mim, mas por você...

– Mas qual é a origem dessa mula?

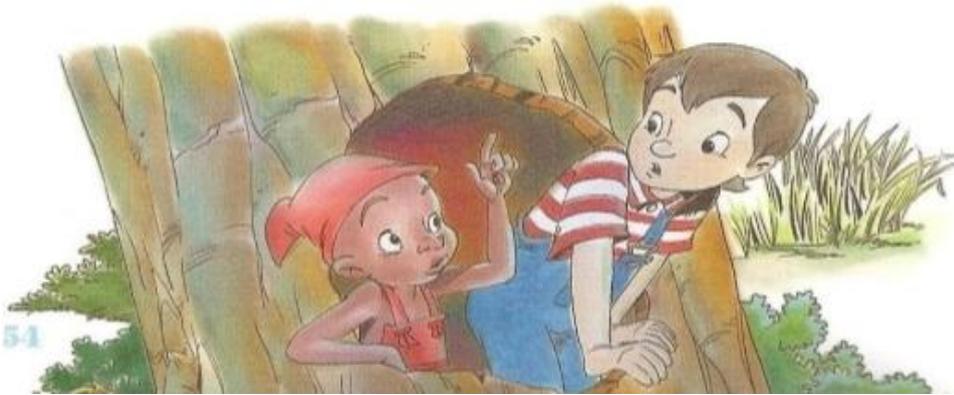
– Uma história muito velha. Dizem que antigamente houve um rei cuja esposa tinha o misterioso hábito de passear certas noites pelo cemitério, não consentindo que ninguém a acompanhasse. O rei incomodou-se com isso e certa noite resolveu segui-la sem que ela o percebesse. No cemitério deu com uma coisa horrenda: a rainha estava comendo o cadáver de uma criança enterrada na véspera e que por suas próprias mãos, cheias de anéis, havia desenterrado! O rei deu um grito. Vendo-se pilhada, a rainha deu outro grito ainda maior – e imediatamente virou nessa Mula sem cabeça, que desde aquele momento nunca mais parou de galopar pelo mundo, sempre vomitando fogo pelas ventas.

E foi assim que Pedrinho perdeu a única oportunidade que teve de ficar conhecendo pessoalmente o estranho monstro que tanto impressiona a imaginação dos nossos sertanejos.

Ela corre sem cessar, espalhando a loucura por onde passa. Não existe criatura, seja bicho do mato ou gente, que não prefira ver o diabo em pessoa a ver a tal Mula sem cabeça. É horrenda!

– Mas como será que vomita fogo pelas ventas se as ventas estão na cabeça e ela não tem cabeça?

– Também não entendo; mas é assim – disse o Saci.



## Lobisomem



**N**em bem acabara o Saci de pronunciar estas palavras e Pedrinho notou grande rebuliço entre os sacizinhos. Parece que também pressentiram qualquer coisa, pois largaram das brincadeiras e desapareceram na floresta, como por encanto.

Era tempo. O mato começou a estalar, como se algum animalão por ele viesse rompendo, e por fim surgiu na clareira a carantonha sinistra de um lobisomem. Parou, farejou o ar como se estivesse sentindo cheiro de carne humana. O Saci, porém, tivera a precaução de emitir um certo cheirinho a enxofre, e isso iludiu o Lobisomem, que conti-

nuou o seu caminho e passou. O cheiro a enxofre disfarça o da carne humana, explicou mais tarde o Saci.

Apesar do medo que sentira, Pedrinho pôde notar que o monstro tinha a pele virada, isto é, o pelo para dentro e a carne para fora – uma coisa horrível! No mais, era um perfeito lobo, embora de dimensões muito mais avantajadas.

Assim que o Lobisomem deixou a clareira, o menino respirou um *ah!* de alívio e pediu ao Saci que lhe contasse alguma coisa desses monstros.

– Dizem – respondeu o Saci – que quando uma mulher tem sete filhos machos, o sétimo vira lobisomem na noite das sextas-feiras. Sai então pelos campos, invade os galinheiros (onde come um produto das galinhas que não é o ovo) e também assalta e devora os cães e as crianças que encontra pelo caminho. Se alguém ataca um lobisomem e corta-lhe uma das patas, ele vira imediatamente no homem que é – e esse homem fica por toda vida aleijado do membro correspondente à pata cortada.

Pedrinho não resistiu à tentação de ver de perto as pegadas do monstro, e apesar das advertências do Saci saiu do oco para examiná-las à luz de um vaga-lume. Mas não teve tempo. Assim que saiu do oco, ouviu um estranho rumor ao longe, seguido do agudo assobio do Saci chamando-o. Voltou precipitadamente.

– Que há? – indagou.

O Saci, que também parecia amedrontado, puxou-o bem para o fundo do esconderijo, murmurando:

– A Mula sem cabeça!

XAVIER, Marcelo. **O lobisomem.** In: *Mitos, o folclore do mestre André.* Belo Horizonte: Formato, 1997.

## O LOBISOMEM

– Diz a lenda que quando uma mulher tem sete filhas e o oitavo filho que nasce é homem, esse menino será um lobisomem.

Sempre pálido e muito magro, de nariz arrebitado e orelhas compridas, o menino cresce como uma criança qualquer. Porém, logo que completa treze anos, começa a viver sua triste sorte. Na primeira noite de terça ou sexta-feira depois do seu aniversário, enquanto todos dormem, ele sai de casa, silenciosamente, e vai até uma encruzilhada. Ali, observado apenas por uma coruja e por outros bichos noturnos, começa a se transformar em lobisomem. Seu corpo se cobre de pêlos, as orelhas crescem, os olhos se avermelham e ele uiva como um lobo, pela primeira vez, para a Lua.

Daquele dia em diante, toda terça ou sexta-feira, o lobisomem tem que cumprir sua corrida desesperada pelo mundo. Visita, na mesma noite, sete partes da Terra, sete adros de igreja, sete vilas e sete encruzilhadas. No caminho, espanta os cães, apaga as luzes das casas, quebrando o silêncio da noite com seus uivos horripilantes.

Antes do Sol nascer, o lobisomem volta ao lugar de onde partiu e se transforma novamente em homem.

Quem estiver no caminho de passagem do lobisomem, em noites de terça ou sexta-feira, deve rezar três Ave-Marias para se proteger.

Com muita coragem, alguém pode quebrar o encanto e libertá-lo para sempre. Para isso é preciso chegar bem perto, sem que ele perceba, e bater forte em sua cabeça – com todo o cuidado, pois se uma gota de sangue do lobisomem atingir uma pessoa, ela se transformará também em lobisomem...

XAVIER, Marcelo. **O Boitatá**. In: *Mitos, o folclore do mestre André*. Belo Horizonte: Formato, 1997.

## O BOITATÁ

– Imagine que susto: alguém está tranqüilo no seu barquinho, pescando no rio, à noite, e de repente surge, do fundo das águas, uma enorme cobra de fogo, com dois grandes chifres, como se fosse um boi. Em algumas regiões, para piorar mais as coisas, o bicho tem um olho só, bem no meio da testa...

É o Boitatá. Um mito brasileiro contado e temido em todas as regiões do País onde haja um rio ou uma lagoa qualquer. Só mesmo um mito, com seus poderes incríveis, pode ter o corpo de fogo e morar na água, não é mesmo?

O Boitatá também é visto, às vezes, apenas como um facho cintilante de fogo correndo de um lado para outro da mata. Em alguns lugares, ele se transforma em troncos incandescentes, abandonados na beira do rio.

O Boitatá é um mito de origem indígena. Os índios o chamavam *Mbaê-Tatá*, que quer dizer *coisa de fogo*.

E veja que interessante: uma das características do Boitatá, apesar de todo o fogo que carrega no corpo, é proteger as matas contra incêndios...

XAVIER, Marcelo. **O Boto**. In: *Mitos, o folclore do mestre André*. Belo Horizonte: Formato, 1997.

## O BOTO

– Muita gente conta que viu. Algumas mulheres dizem até que dançaram com ele. A verdade é que todas suspiram quando falam seu nome...

É o Boto, o mito encantador que adora a noite e as festas à beira dos rios da Amazônia. Durante o dia, é um peixe. Às primeiras horas da noite, ele sai da água e se transforma em um rapaz forte e bonito. Vestido de branco, usa um chapéu que nunca tira, para não mostrar o orifício por onde respira, no alto da cabeça.

Em seguida, o Boto parte para conquistar o coração de alguma mulher. Não é difícil: ele é simpático, grande dançarino, muito alegre e brincalhão. Tem uma conversa boa que rola como o próprio rio.

Depois de dançar e se divertir muito, o Boto vai namorar na beira do rio. Quando chega a madrugada, ele se despede da companheira, pula na água e volta a ser peixe.

Com muitas dessas namoradas ele tem filhos, mas nunca se interessou por eles. Só quer saber de continuar indo a festas, dançando e conquistando outros corações pelas noites da Amazônia.

Para quem quer conquistar o coração de alguém, nada melhor que um amuleto da sorte feito de olho de Boto, seco e preparado por um pajé de alguma tribo amazônica. É irresistível!

## A MULA-SEM-CABEÇA

– Onde houver um pequeno ajuntamento de casas rodeando uma igreja, com noites silenciosas e escuras, haverá casos de aparição da Mula-sem-Cabeça.

Dizem que é uma mulher que namorou um padre e, por isso, foi castigada. Toda passagem da noite de quinta para sexta-feira, ela vai até uma encruzilhada e ali acontece o encantamento. Depois, tem que percorrer sete freguesias ao longo daquela noite. (Freguesias eram pequenos povoados, no Brasil de antigamente.)

Mas veja que estranho: “Mula-sem-Cabeça” é só o nome desse mito. Na verdade, de acordo com as histórias que o povo conta, ela aparece como um animal inteiro, forte, lançando fogo pelas narinas e pela boca, onde tem freios de ferro. Nas noites de cumprir sua punição, ouve-se o seu galope violento, acompanhado de longos relinchos. Em alguns momentos, soluça como uma pessoa quando chora. Ninguém põe o pé fora de casa nessas noites.

Se alguém, bastante corajoso, tirar os freios de sua boca, o encanto se quebrará, e a Mula-sem-Cabeça voltará a ser gente, livre para sempre da maldição que a castiga.

XAVIER, Marcelo. **O Jurupari**. In: *Mitos, o folclore do mestre André*. Belo Horizonte: Formato, 1997.

## O JURUPARI

– A história de Jurupari vem do norte do Brasil, das tribos de índios que vivem na floresta Amazônica. Segundo contam, Jurupari era um menino diferente dos outros. Para você ter uma idéia, de seu corpo saíam fachos de luz, estrondos de trovão e, com os dedos, ele podia produzir vários tipos de sons. Era realmente extraordinário!

Tudo começou quando Jurupari, para afirmar o seu poder, obrigou toda a tribo a ficar em jejum. Ninguém podia comer nada durante um certo tempo. Algumas crianças, não suportando a fome, desobedeceram às ordens e comeram. E veja só: elas foram punidas com a morte por Jurupari.

Revoltados, os pais das crianças jogaram Jurupari numa fogueira. De suas cinzas nasceu, imediatamente, a palmeira paxiúba. Era uma árvore tão alta, tão alta, que chegava até às nuvens.

Por ela, na mesma noite, Jurupari subiu ao céu. Lá encontrou o Sol, que queria se casar. Claro que o Sol não se casaria com qualquer uma: teria que achar uma mulher perfeita. Então, Jurupari foi mandado de volta para procurar uma noiva para o Sol, e também para mudar alguns costumes na Terra.

Quando chegou aqui, o mundo era governado pelas mulheres. A primeira coisa que Jurupari fez foi passar o governo para a mão dos homens. Para conseguir isso, criou festas das quais só os homens participavam e ensinou-lhes alguns segredos. Porém, nem todos os homens podiam conhecer esses segredos: apenas os fortes, os corajosos, que sabiam suportar a dor. Os adolescentes também participavam das tais festas, mas só depois de passarem por várias provas de coragem e resistência.

As festas de Jurupari atravessaram o tempo e acontecem, até hoje, em algumas tribos da Amazônia. Nelas, os homens usam máscaras, dançam e tocam instrumentos de sopro. O principal deles é uma longa trombeta, feita de paxiúba, a palmeira sagrada, que produz um som cavernoso e profundo, de arrepiar.

As mulheres e os rapazes que ainda não passaram pelas provas não podem ouvir esses sons, nem ver as máscaras, os instrumentos musicais e os adereços usados pelos homens nas danças de Jurupari.

Enquanto isso, até hoje, Jurupari procura uma noiva para o Sol, que continua solteiro...

XAVIER, Marcelo. **O Curupira**. In: *Mitos, o folclore do mestre André*. Belo Horizonte: Formato, 1997.

## O CURUPIRA

– No fundo das matas, bem longe das cidades e das aldeias, quando soam gritos longos e estridentes, é o Curupira que se aproxima.

O melhor que se faz é sair dali correndo.

O Curupira é um anão de cabelos vermelhos, dentes verdes e com os pés virados para trás. Para os índios, ele é o demônio da floresta. Corre atrás deles, enfurecido, para bater e até mesmo matar. Para se protegerem, quando se afastam de suas aldeias, os índios deixam pelo caminho penas de aves, abanadores e flechas.

O Curupira é o protetor das árvores e dos animais. Batendo nos troncos das árvores como se fossem tambores, testa a resistência delas, quando ameaça cair uma tempestade.

Ele odeia os homens que caçam e destroem as matas. Por isso, gosta de deixar os caçadores perdidos dentro da floresta. Quem vê o Curupira perde totalmente o rumo, não sabe mais achar o caminho de volta.

Para atrair suas vítimas, o Curupira, às vezes, chama as pessoas com gritos que imitam a voz humana.

As histórias do Curupira são contadas em todo o Brasil. Em algumas regiões, ele tem o nome de Caipora ou Caapora, e aparece, freqüentemente, montado em um porco-do-mato.

#### Anexo 4 - Trecho de *Bruxas e Benzeduras* de Franklin Cascaes

##### QUAIS SUAS PREFERÊNCIAS (PESSOAS, HORAS, SITUAÇÕES, ETC)

Segundo os entendidos, as pessoas preferidas como elemento principal para o desempenho de suas atividades bruxólicas são as inocentes criancinhas/ou recém-nascidos.

Elas empresam, chupando o sangue até dá-las a sepultura.

As horas preferidas para desempenho de suas estrepolias diabólicas é sempre a partir das Ave - Marias até as “horas mortas”, meia-noite, quando então se recolhem antes do cantar do galo preto.

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: s.n. , 1968, p.4.

#### Anexo 5 - Trecho de *Bruxas e Benzeduras* de Franklin Cascaes

##### ARMADILHA

Toma-se a primeira camisinha que a criança usou, criva-se de agulha, coloca-se dentro de um pilão de chumbar café e, com a mão de pilão, se vai socando a camisinha.

À medida que se vai pisando sobre as agulhas, elas vão penetrando na madeira do pilão e, conseqüentemente, na carne da mulher bruxa.

A bruxa, não podendo resistir aos efeitos penetrantes das agulhas na sua carne, abandona os afazeres e corre em direção onde se está praticando o ato anti-bruxólico.

Ali chegando, ela pede por todos os santos para que a pessoa que está praticando o trabalho, o deixe de fazê-lo, pois seu corpo físico não resiste mais às dores causadas pelos efeitos das penetrações das agulhas na carne. Confessa-se culpada e perde o encanto fadórico bruxólico.

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: s.n. , 1968, p.4.

**Anexo 6 - Trecho de *Bruxas e Benzeduras* de Franklin Cascaes**

BENZEDURA CONTRA VERRUGAS

Sol que vais entrando, cravos e verrugas que tens neste craveiro, que vá se acabando.

Em nome de Deus e da Virgem Maria. Amém.

Benze-se em 9 sextas-feiras na hora exata em que o sol se põe.

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: s.n. , 1968, p. 7.

**Anexo 7 - Trecho de *Bruxas e Benzeduras* de Franklin Cascaes**

BENZEDURA CONTRA BICHEIRA

Santa Ana pariu Maria; Maria pariu Jesus.

Assim como estas palavras são verdadeiras e certas, há de assim cair os bichos desta bicheira. De dez ficam nove; de nove ficam oito; de oito ficam sete, de sete ficam seis, de seis ficam cinco, de cinco ficam quatro, de quatro ficam três, de três ficam dois, de dois fica um e de um fica zero.

Padre Nosso e Ave Maria.

Reza-se de manhã em jejum.

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: s.n. , 1968, p. 7.

## Anexo 8 - Trecho de *Bruxas e Benzeduras* de Franklin Cascaes

### BENZEDURA CONTRA O PESADELO

Pai nosso João Canteiro,  
Bem me disse o São Mateus  
Que eu andasse onde quisesse,  
E que medo não tivesse  
Nem da sombra, nem da lomba  
Nem daquela mais pesada  
Que tem as palmas das mãos furadas  
E as unhas encravadas.

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis: s.n. , 1968, p. 8.

## Anexo 9 - Varal Literário

